

Processos de Mediação em Televisão: o caso dos programas de ciência

José Azevedo, Centro de Estudos das Tecnologias, Artes e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto; Faculdade de Letras Universidade do Porto.

Luísa Aires, Centro de Estudos em Educação e Inovação, Universidade Aberta.

Ana Isabel Couto, Centro de Estudos das Tecnologias, Artes e Ciências da Comunicação da Universidade do Porto

Esta comunicação persegue dois objectivos: analisar a forma como os processos de mediação configuram o género do documentário científico e, por outro lado, verificar se a tendência que se tem registado em vários conteúdos televisivos para a espectacularidade e para o entretenimento, através de uma redução dos processos de mediação jornalística é generalizável aos documentários de ciência.

Em primeiro lugar, valeria questionar que *verdade* pode pretender a televisão? Essa é uma primeira questão que cabe retomar pelo seu carácter polémico: a consideração da televisão, não tanto pela sua capacidade manipulatória, mas, e essencialmente, pela sua força de constituição, de geração de realidades. O facto de os signos constituírem factores-chave do pensamento humano, de a cultura se constituir no seio de um emaranhado de sistemas simbólicos e de as linguagens serem instrumentos de mediação dessas representações, desde sempre decretou a impossibilidade de acesso directo ao real. Os media apenas acrescentam novas e diferentes dificuldades a esse acesso, sob a forma de realidades discursivas.

Mesmo quando a abordagem nos parece objectiva e rigorosa, ela é sempre o produto de uma escolha e de uma interpretação da ‘realidade’. A mediação jornalística, isto é, a apresentação, transmissão e interpretação do discurso de outros, na *voz* do jornalista, contém, em si mesma, uma parcela de redução e de distorção, na medida em que constitui uma representação de relações, entre pessoas, apreendidas através de processos sociais no seio dos quais a realidade é construída.

Nessa perspectiva, a informação, tenha ela o carácter que tiver - conhecimento, actualidade, novidade, etc. -, é objecto de actos comunicativos, embora muitas vezes não corresponda às suas finalidades. A televisão produz sentidos e oferece-os à sociedade. A selecção das informações a serem veiculadas, bem como as formas de

estruturação desse material informativo são opções estratégicas que consideram lógicas de mercado e discursivas, ao determinarem o grau de importância dessas informações, a sua adequação a certos géneros e formatos, o seu interesse institucional. Além disso, a televisão, com sua política do directo, foi, pouco a pouco, impondo uma concepção diversa de informação. Informar passou a ser mostrar a história em processo, assistir, se possível, directamente, aos acontecimentos, o que faz supor que a imagem do acontecimento seja suficiente para lhe conferir significação. Estabelece-se, com isso, a ilusão de que ver é compreender e define-se que todo o acontecimento, como se fosse possível, deve apresentar uma face visível, o que condena os factos pobres em imagens à indiferença e ao silêncio.

Ora, uma tal concepção de informação conduz a uma afluente fascinação por imagens e acontecimentos “excitantes”. A ideia geral de que a importância dos acontecimentos está directamente relacionada com a sua riqueza de imagens encoraja a manipulação, a oferta de grandes espectáculos de reconstituição, o uso de sensacionalismo, à medida e ao gosto do consumidor.

Estamos assim, perante uma primeira questão, que procuraremos discutir, que é a de analisar se estes processos de evolução dos conteúdos televisivos, estão a ocorrer também nos programas de ciência.

Por outro lado, acredita-se na existência de uma relação estreita entre as realidades discursivas e os géneros discursivos televisivos. A selecção do plano de realidade sobre o qual se vai operar, aliado ao regime de crença proposto e ao tom, isto é, às inflexões conferidas à realidade a ser enunciada (Bakhtin, 1995) - seriedade, humor, ironia, etc. -, seriam os elementos definidores da do género. Assim, os traços categoriais de género proporião um certo tipo de relação com o mundo, colocando à disposição do telespectador um certo plano de realidade e modo de ser, sendo mobilizadores de crenças e saberes e condicionadores das expectativas e do prazer dos telespectadores. Os subgéneros e formatos seriam então responsáveis pelos percursos de configuração dessas realidades, pelos procedimentos de colocação em discurso desses reais-referência, directa ou indirecta, projectando sobre essas categorias genéricas formas que as estruturariam, o que permitiria sua manifestação.

O segundo objectivo é assim a caracterização do documentário científico enquanto género próprio. A possível ligação entre estes dois processos tentará ser estabelecida a partir do conceito de mediação.

Para equacionar a comunicação da ciência de peritos para leigos torna-se imperativo compreender os processos de mediação que estão implícitos nesse modo de comunicação. Por exemplo, é central apurar, num programa televisivo, quem são os agentes de mediação e o grau da sua presença, os diferentes discursos e as intencionalidades que lhes são subjacentes, no relato de experiências ou conhecimentos científicos. A opção por determinado agente de mediação irá implicar o accionar de diferentes técnicas de mediação, diferentes usos de retórica, reconfigurando, em última análise, o conhecimento científico que se pretende transmitir no programa televisivo em análise.

Por outro lado, a retórica empregue num programa de ciência alterará a forma como a audiência vai ler a ciência que lhe é apresentada. Vários autores, como Nelkin e Fahnestock, criticam o modo excessivamente celebratório como os jornalistas habitualmente apresentam a ciência.

Importa, contudo, desde já, sob pena de cairmos na nebulosa téorica e polisemântica que envolve o termo “mediação”, clarificar o nosso entendimento sobre mediação. O termo «mediação», originalmente vinculado a outros campos disciplinares, como é o caso da psicologia (Vygotski, 1986), actualmente é, amplamente, utilizado nas ciências da informação e comunicação. A mediação reenvia-nos para a acção- mediada, que integra os agentes, com intencionalidades particulares que usam instrumentos semióticos ou instrumentais, em cenários específicos. Jean Davallon (2005) diz-nos que o novo modo de pensar a comunicação atribui particular centralidade à dimensão de *mediação*, negligenciada nas definições tradicionais de comunicação, enquanto transmissão de informação ou interacção social. Num esforço de sistematização dos diferentes usos e significados do termo, o autor realizou uma análise de um conjunto de publicações em ciências da informação e comunicação permitindo-lhe distinguir três tipos de uso do termo mediação: “uso comum”, “uso operacional” e “uso técnico” (Davallon, 2005)¹. Podemos encontrar o reconhecimento da função de mediação adstrita a um actor social

¹ Esta perspectiva contrasta com as concepções de autores como Wertsch (1992;1997) ou De Pablos (1996) que, na linha da teoria sociocultural de Vygotski, consideram que toda a acção humana é mediada por instrumentos, sejam eles psicológicos, ou instrumentais - como é o caso da televisão, jornais, rádio, etc.

e aos discursos que usa, em outras áreas de investigação, particularmente, nas áreas da *mediação sociocultural e pedagógica* (Wertsch, 1992;1996; De Pablos *et al* 1999; Rebollo, 2000) e da *mediação cultural* (Cole, 1996).

Sendo assim, percebe-se a premência do estudo da mediação nos seus múltiplos contextos, sendo central o (re)direccionar dos estudos sobre comunicação da ciência para os processos de mediação e suas diferentes dimensões. Daí a complexidade assumida pelas respostas a questões como “O que se diz e Como se diz? Quem diz? Com que intencionalidade?”, anteriormente defendida.

No nosso estudo demos particular atenção ao contexto da televisão, enquanto agente de socialização e mediação central, nas sociedades actuais, e que tem assumido paulatinamente contornos distintos, que passam pela tendência para a espectacularidade e para o entretenimento, em vários conteúdos televisivos, através de uma redução dos processos de mediação jornalística, como foi anteriormente mencionado.

Os programas sobre ciência representam instrumentos centrais de mediação influenciando os modos como o conhecimento científico é apropriado. Acessíveis a uma grande diversidade de grupos e, portanto, de culturas, estes programas merecem ser sujeitos a processos de desconstrução discursiva, tendo em vista, por um lado, uma melhor compreensão das posturas de quem os produz e, por outro, dos usos e apropriações de que são alvo, pelos diferentes grupos receptores. Nesta comunicação iremos dar conta de algumas dimensões caracterizadoras das “vozes” de *quem* produz programas sobre ciência (Bakhtin, 1995; Del Rio,1996) – através da apresentação de alguns dos resultados resultantes do processo de visionamento e análise dos programas de divulgação científica que integram a nossa amostra.

A metodologia de investigação utilizada para levar a cabo o presente estudo baseou-se, num primeiro momento, no visionamento, e respectiva análise, de um conjunto de programas televisivos sobre ciência² tendo em vista, por um lado, uma melhor compreensão das posturas e intencionalidades de quem os produz e, por outro, dos usos e apropriações de que são alvo pelos diferentes grupos receptores..

² Projecto de investigação “Ciência na Televisão: formas e recepção de programas de divulgação científica” POCTI/COM/47954/2002, financiado pela FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

O processo de gravação permitiu-nos recolher um conjunto de documentários de divulgação científica e magazines informativos, disponibilizados nos canais cabo e canais generalistas portugueses. Os documentários sobre ciência que integram a nossa amostra foram, deste modo, recolhidos dos seguintes canais televisivos: *Odisseia*, *Discovery Channel*, *National Geographic Channel*, *Canal História*, *RTP 2* e *RTP N*. Este processo decorreu em dois momentos temporais distintos: o primeiro momento de gravação ocorreu durante Novembro de 2004, seguido de um segundo momento, em de Fevereiro de 2005³. Do total de 310 programas recolhidos, são considerados para este estudo 179.

Terminada a etapa de recolha de dados, iniciámos o processo de visionamento e análise dos programas à luz de uma grelha analítica construída para o efeito. Esse trabalho de dissecação dos programas de ciência recolhidos pretendeu testar a nossa hipótese teórica de partida que defende, em termos gerais, que a comunicação de temas científicos não se esgota num processo de “fornecimento” de informação ao público; antes, essa comunicação alimenta várias questões que ultrapassam a mera transmissão de conhecimento e que dizem respeito ao entendimento da ciência e do cientista no mundo actual, às consequências do desenvolvimento tecnológico e científico, entre outras.

Neste sentido, com a pretensão de encontrar algumas respostas para estas questões e de explorar novas pistas de investigação nesta área, propusemo-nos estudar um conjunto de dimensões – Mediação Geral, Mediação Específica e Retórica – que caracterizam os processos de mediação presentes nos programas televisivos de ciência.

Mediação e Qualidade Funcional nos Programas Televisivos de Ciência

A análise das modalidades discursivas veiculadas pelos agentes que intervêm nos processos de produção dos programas de ciência realizou-se tendo em vista a convergência metodológica com as perspectivas comunicativas e dialógicas sobre os meios de comunicação (Del Rio, 1996). Neste sentido, mais do que privilegiar uma análise da “informação sobre a informação” nos programas de ciência, importou identificar, entre outros, como se constrói a trama narrativa, a partir dos diversos recursos comunicativos disponíveis e como esta se objectiva na qualidade comunicativa e funcional destes programas.

³ O processo de gravação contou com o valioso contributo da *Marktest&MediaMonitors*.

Nesta comunicação, privilegiaremos duas dimensões de análise – Qualidade e Mediação-que por sua vez se descontroem num conjunto de categorias, algumas das quais sintetizamos no seguinte quadro:

- MEDIAÇÃO	
Mediação Geral	- Mediação Baixa - Mediação Média - Mediação Alta
Mediação Específica	- Agentes de Mediação - Técnicas de Mediação . narração com voz on . narração com voz off . conjugação de narração e entrevista . discussão em grupo
Retórica	- Modalidades de expressão . descrição-informação . narração . narrativa de experiências de vida . argumentação - Tipo de Argumentação . analogia . exemplificação . autoridade . presunção . estatística - Técnica Dramática . conflito . suspense . surpresa . especulação . reconstituição dramática - Técnica Narrativa- . simplificação . antropomorfismo - Retórica dominante . celebratória . judicial . deliberativa
- QUALIDADE	

Qualidade Funcional	- Eficácia comunicativa do programa, no seu todo.
----------------------------	---

Quadro 1: Categorias de análise

A análise provisória dos resultados obtidos na variação da *Qualidade Funcional* segundo os diferentes *Tipos de Mediação* e, em particular, de *Retórica*, desoculta-nos um conjunto de opções comunicativas vinculadas seja aos géneros e culturas televisivos, seja ao discurso científico. De um total de 179 programas analisados, 47.5% apresentam uma *Qualidade Funcional Média* e 45.8% uma *Qualidade Funcional Relativamente Alta*. Nos extremos da escala encontram-se 5.6% de programas com uma *Qualidade Funcional Relativamente Baixa* e 1.1% apresentam *Qualidade Funcional Alta*.

	Mediação Geral			
Qualidade Funcional	Mediação baixa	Mediação média	Mediação alta	Total
Relativamente baixa	9,1%	7,7%	0,0%	10 5,6%
Média	36,4%	47,0%	51,0%	85 47,5%
Relativamente Alta	54,5%	44,4%	47,1%	82 45,8%
Alta	0,0%	0,0%	2,0%	2 1,1%
Total	11 100%	117 100%	51 100%	179 100%

Quadro 2: Variação da qualidade funcional segundo a mediação geral

Se privilegiarmos os *Tipos de Mediação* e, em especial, de *Retórica* nos programas que apresentam os tipos de Qualidade Funcional dominantes - Média e Relativamente Alta, identificamos as modalidades discursivas passamos a apresentar.

Mediação e Qualidade Funcional: Que modalidades discursivas?

- Os programas de Qualidade Funcional Média

Nos programas com uma *Qualidade Funcional Média*, os *processos ou experiências* científicas são apresentados com recurso a uma *multiplicidade de discursos* (mediação alta) ou à *intermediação de outros agentes* (mediação média). Os agentes de mediação dominantes são o *narrador* (50.4%) e, em maior grau, *agentes diversos* (62.5%). As *narrativas de experiências de vida* e o recurso à *descrição-informação* constituem géneros de discurso privilegiados. Nestes programas, verifica-se a conjugação de situações de *narração* e de *entrevista* (52.8%) e de *narração com voz off* (50.0%). A *argumentação* (14.3%) apresenta valores relativamente baixos e tece-se, maioritariamente, em torno da *exemplificação* (45.8%) e da *presunção* (42.9%). O *suspense* (66.7%), a *reconstituição dramática* e, em menor grau, o *choque* (37.5) dominam o conjunto de técnicas dramáticas identificadas. De entre os tipos de retórica identificados, predomina uma visão *celebratória* da ciência (58.3%), seguida de uma perspectiva judicial da mesma em que se apresenta o como e o porquê da ciência e, com um papel inferior, uma perspectiva deliberativa (33.3%) que enfatiza as possíveis consequências da ciência.

- Os programas de Qualidade Funcional Relativamente Alta

Se, por outro lado, nos detivermos na análise dos *processos de mediação* e de *retórica* presentes nos programas que apresentam uma *Qualidade Funcional Relativamente Alta* observamos que a representação da ciência assume modalidades discursivas diferenciadas das que se verificam no tópico anterior.

Nestes programas, domina o *relato das experiências na primeira pessoa* (54.5%), seguido do recurso à *multiplicidade de discursos* (47.1%). Os valores registados na *mediação média* - em que os processos são apresentados através da intermediação de outros agentes -, são de 44.4%. O *perito* é o agente de mediação dominante (62.5%), embora não seja de minimizar os valores associados ao *narrador* (41.5%) e a *outros agentes* (37.5%). A *entrevista* (100%) e a *discussão em grupo* (100%) parecem ser técnicas de mediação determinantes nos programas com uma qualidade funcional relativamente alta. A *narração com voz on* (50.0%), a *narração com voz off* (48.2%) e a *conjugação de narrações e de entrevista* (41.6%) são técnicas de mediação também identificadas neste grupo. A *argumentação* constitui o género de discurso dominante (71.4%), seguida da *narração* (67.6%). Embora com pesos inferiores, as *narrativas de experiências de vida* e o recurso a uma modalidade *descritiva-informativa* também se verificam. Se no tipo de programas com Qualidade Funcional Média os valores identificados na argumentação eram baixos e, nos casos em esta se verificava, se recorria predominantemente à *exemplificação* e à *presunção*, neste tipo de programas domina a *analogia* (83.3%) e, em menor grau, a *autoridade* (60.9%), a *presunção* (57.1%) e a *exemplificação* (54.2%). A *surpresa* (69.2%), o *conflito* (64.3%) e o *choque* dominam as técnicas dramáticas utilizadas. Finalmente, importa sublinhar que a *retórica dominante* nestes programas é de tipo *deliberativo* (66.7%), analisando-se as possíveis consequências da ciência e, em menor grau, mas com valor interpretativo, de tipo *judicial* (45.1%) e *celebratório* (41.7%).

Considerações Finais

O projecto que suporta a presente comunicação está, ainda, em curso. As reflexões que aqui apresentamos são, por consequência, provisórias. Sublinhada tal salvaguarda, consideramos que não se verifica um género único nos documentários televisivos de ciência. Emergentes do cruzamento das culturas científicas e das culturas televisivas, estes programas configuram-se pela coexistência de marcas discursivas originalmente veiculadas quer aos discursos científicos (Wertsch, 1993) quer aos discursos televisivos (De Pablos, 1995; Aires, 2000). Nestes programas coexistem elementos de informação, narração de experiências de vida, espectacularização, surpresa, choque e diversidade,

presentes nas culturas televisivas, com a argumentação ou a analogia, ancoradas na autoridade do cientista, identificáveis no discurso da *ciência oficial* (idem). Mas, a realidade que analisámos é, também, ela complexa e heterogénea. Se uns documentários privilegiam o discurso dos peritos na primeira pessoa, recorrem, predominantemente, à entrevista ou às discussões em grupo que se conjugam com a surpresa e o conflito e apresentam uma visão deliberativa da ciência, outros documentários privilegiam a simplificação, a descrição-informação, as narrativas de experiências de vida, o *suspense* e uma visão celebratória da ciência. Os programas televisivos de ciência, também eles, se constroem na conjugação de uma pluralidade de vozes que, reintegrando-se, criam novas e diversas vozes. A exploração desta complexidade só agora inicia. Concluída esta fase, esperam-nos as diversidades dos modos de apropriação a que estes programas televisivos são sujeitos, por indivíduos e grupos sociais.

Referências Bibliográficas

- Aires, L.(2000). *Vozes sobre a Televisão no âmbito da Educação de Pessoas Adultas: Uma abordagem sociocultural*. Lisboa: Universidade Aberta, Tese de doutoramento.
- Cole, M.(1996). *Cultural Psychology. A once and future discipline*. U.S.A.: Harvard University Press.
- Bakhtin, M. (1979, 1995). *La estética de la creación verbal*. México: Siglo XXI
- De Pablos, J.: Rebollo, M.A.; Aires, L.(1999). “Para un estudio de las aportaciones de Mijail Bakhtin a la teoría sociocultural. Una aproximación educativa”. *Revista de Educación*. Madrid: Ministério de Educación y Cultura, pp.223-253.
- Del Rio, P.(1996). *Psicología de los medios de comunicación*. Madrid: Síntesis.
- Vygotski, L.(1986). *Mind in society. The development of higher psychological processes*. Harvard Mass: Harvard University Press.
- Wertsch, J. (1993). *Voces de la mente. Un enfoque sociocultural para el estudio de la acción mediada*. Madrid: Visor.
- Wertsch, J.(1997). *Mind as Action*. New York: Oxford University Press.